

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



DAVID, Joseph-Pierre Louis (Serre-Nerpol, França, 1882 - Vinay, 1955)

Filho de Joseph Pierre David e de Euphanie de la Combe, nos vários esboços biográficos nada consta sobre o estatuto sócio-económico da sua família. Depois de completar os estudos secundários no seminário de La Côte (Saint-André), matriculou-se em 1899 na Universidade de Grenoble, cidade sede do seu local de nascimento. Aí estudou História Medieval e Literatura Provençal, transferindo-se depois para a Sorbonne, onde, em 1900, se licenciou em Letras. Foi aluno dos grandes mestres Paul Fournier e Ulysses Chevalier. Em 1903 entrou no Seminário de Teologia de Grenoble, encerrado em 1905 pela Lei de Separação da Igreja do Estado. Sendo bibliotecário, P. D. conseguiu salvar da pilhagem algumas obras notáveis. Em 1905 seguiu para a Universidade Gregoriana de Roma, onde completa a formação eclesiástica, cursando Filosofia, Teologia, Direito Canónico e Sagrada Escritura.

Já depois de ter sido ordenado sacerdote (1908, S. João de Latrão) prosseguiu a sua formação na Escola Francesa de Roma, então dirigida pelo célebre linguista e historiador Mons. Louis Duchesne, de quem foi aluno. Frequentou também a Universidade de Roma, onde foi aluno de Ignazio Guidi, reputado orientalista e hebraísta. Ao mesmo tempo que frequentava as bibliotecas de Roma, em particular a vaticana, aperfeiçoava a sua formação em história eclesiástica, liturgia, latim e literatura medievais, arqueologia cristã e línguas orientais, especialmente árabe, copta e hebreu. Doutorou-se na Sorbonne em 1912. Entretanto, em 1908 havia sido nomeado capelão de São Luís dos Franceses.

Os últimos anos da sua formação junto de Duchesne e Guidi, assim como de W. de Grüneisen, Christien Huelsen e Vincenzo Federici, foram também já de colaboração nas suas obras e projectos. Rapidamente se tornaram conhecidas e reconhecidas as suas competências em liturgia e arqueologia religiosa, pelo que integrou a primeira comissão encarregue por S. Pio X da reforma do Breviário. Colaborou também na importante monografia sobre a igreja de Santa Maria a Antiga, construída no forum romano (*Sainte-Marie Antique*, sob a direcção de Christian Huelsen e Vincenzo Federici, Roma, 1911). A sua colaboração, intitulada “*Étude liturgique et hagiographique*”, constituiu o seu primeiro trabalho de índole histórica, com data precisa, pois poderá ser anterior a publicação de textos coptas na *Revue Biblique* (fundada por P. Lagrange e editada pela École Pratique d’Études Bibliques, de Jerusalém) e na *Revue de l’Orient Chétien*.

A I Guerra Mundial afastou-o de Roma. Em 1914 regressou a Grenoble, onde foi mobilizado e prestou



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

serviço até 1918 como capitão de caçadores alpinos, recebendo diversas medalhas e condecorações. Até 1922 foi professor em Grenoble.

Por essa época a França promovia a sua afirmação política, económica e cultural através das chamadas “missões universitárias” na Europa e no Novo Mundo, sob a responsabilidade do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os intelectuais que integravam essas missões eram como embaixadores do seu país. Pierre David parte para a Polónia numa dessas missões, tendo sido nomeado professor da Faculdade de Filosofia na Universidade Jagellonica de Cracóvia, onde chegou em Março de 1920. Aí leccionou, durante quase vinte anos, copta, História Antiga do Oriente e das Civilizações Mediterrâneas, assim como língua e literatura francesa e provençal da Idade Média. Permaneceu na Polónia até à invasão de Setembro de 1939, tendo exercido notável actividade pedagógica e científica, sobretudo na renovação da história medieval polaca, contribuindo para um novo alento da consciência nacional daquele país.

Aproveitando a sua estada em França durante as férias, e em paralelo com os já referidos estudos sobre Roma e Polónia, publicou nos anos 30 várias monografias sobre história e hagiografia do Delfinado.

Pierre David estava em França aquando da invasão da Polónia, em Setembro de 1939. Não regressou a Cracóvia, deixando para trás toda a sua biblioteca, que em 1947 tentará recuperar. No entanto, apesar da autorização do governo polaco, não pode realizar a viagem. Tal perda tornou impraticável a continuação dos seus trabalhos sobre a Polónia e sobre o Egipto, como consta de uma carta (de 8 de Janeiro de 1948) que lhe foi endereçada por um dos directores da *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, de Lovaina Nada se sabe sobre o destino desses livros, documentação e inéditos.

Novamente mobilizado, foi indigitado pelo Governo de Vichy como chefe da censura à imprensa oriental, tendo em conta os seus vastos conhecimentos de línguas (cerca de dezassete) entre as quais línguas orientais. Porém, sendo conhecida a sua posição patriótica e favorável aos Aliados, corria o perigo de ser enviado para um campo de concentração na Alemanha. O próprio marechal Pétain aconselhou-o a sair de França para a América ou para uma universidade portuguesa. Como ele conta no prefácio da obra *Études historiques sur la Galice et le Portugal*, o prestígio da Universidade de Coimbra ditou a escolha, assim como a paz que aqui se vivia.

P. D. chega a Coimbra a 30 de Março de 1941, oficialmente a pedido do Instituto Francês em Portugal e em “missão universitária”, para reger Literatura Provençal na Faculdade de Letras daquela cidade. Será, pois, na Faculdade de Letras de Coimbra e no recém-fundado Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos que irá centrar a nova etapa da sua carreira científica. Leccionou as cadeiras de Francês Arcaico, Língua e Literatura Provençal, Latim Medieval, História das Instituições Medievais, História do Ensino na Idade Média e Fontes para a História Medieval Portuguesa e Espanhola.

Em breve recomeçou a sua produção historiográfica, agora sobre Portugal. Os temas escolhidos situam-se na área da história eclesiástica, na medida que se cruza com os primórdios de Portugal. Deixou trabalhos dispersos por numerosas revistas: *Biblos*, *Boletim do Instituto de Estudos Franceses*, *Bulletin des Études Portugaises* (do Instituto Francês em Portugal), *Bulletin Hispanique* (da Faculdade de Letras de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Bordéus), *Humanitas*, *Liturgia*, *Revista Portuguesa de História*, *Revista Portuguesa de Filologia*, etc. O Pe. Avelino de Jesus da Costa, seu discípulo e amigo, sistematiza em três géneros os seus trabalhos relacionados com Portugal, quer publicados quer inéditos: obras históricas, obras histórico-litúrgicas, canónicas e hagiográficas, obras literárias e trabalhos de cultura religiosa. A maior parte destes estudos foi publicada, outra continua inédita ou somente esboçada.

P. Hourcade informa-nos que todos os verões P. D. saía de Coimbra para Lisboa, a fim de participar no júri das provas orais do bacharelato ministrado pelo Instituto Francês. Também no verão, quando se deslocava a França, leccionava em cursos da École Normale (Paris).

Todo o seu percurso de vida foi, pois, dedicado à investigação e ao ensino, pertencendo ao raro conjunto de mestres que, à maneira medieval, poderia ensinar em qualquer parte do mundo. Mesmo das suas actividades pastorais conhecemos muito pouco: somente, para Coimbra, temos o testemunho de Pierre Hourcade, que nos faz vislumbrar acções apostólicas e caritativas.

É óbvio que a sua qualidade de eclesiástico lhe proporcionou itinerância, também ela fruto das vicissitudes dos dois conflitos mundiais por que passou. Segundo seu próprio testemunho na cerimónia de doutoramento *honoris causa* (vd. *infra*), tomou Portugal como sua segunda pátria. Os catorze anos passou em Coimbra foram aplicados ao ensino e à investigação das mais complexas questões da Idade Média portuguesa. Segundo proclamou Manuel Lopes de Almeida nos habituais elogio e apresentação da cerimónia de doutoramento *honoris causa*, os estudos de P. D. permitem estabelecer a importância da “gente portugalense” na formação da “consciência política” do que haveria de ser Portugal, pondo em surdina a inevitabilidade geográfica e a vontade de um chefe.

Integrou-se totalmente no meio intelectual de Coimbra, como prova o seu Doutoramento *honoris causa* em Ciências Históricas. A cerimónia decorreu a 15 de Abril de 1951 na Sala Grande dos Actos, tendo P. D. sido apresentado pelo Arcebispo Primas D. António Bento Martins Jr., que em nome do doutorando solicitou a sua investidura, conferida pelo Cancelário-Reitor. Não é de somenos que na mesma cerimónia igual título tenha sido concedido a outros dois notáveis intelectuais estrangeiros a trabalhar na mesma Universidade: Joseph M. Piel e Émile Planchard.

É de destacar o seu contributo no aprofundamento das relações intelectuais e académicas entre a sua pátria de origem e a sua pátria adoptiva: através do seu contributo no *Bulletin des Études Portugaises*, (em que colaborou entre 1942 e 1952) e ao qual imprimiu nova orientação, mas também do estímulo para a vinda de inúmeros leitores de francês para Coimbra.

Foi nomeado Comendador da Ordem de Santiago, Cidadão honorário de Braga com medalha de ouro da cidade e Cónego Honorário da Catedral de Braga (1948). Foi Prémio da “Académie des Inscriptions et Belles Lettres”

P.D. foi discípulo e colaborador dos mais eminentes historiadores, linguistas, canonistas e eruditos que revolucionaram a história oriental, da antiguidade tardia e da Idade Média. Aplicou e desenvolveu temas e metodologias, em cruzamento de saberes, primeiro em Roma, depois na Polónia e finalmente em Portugal.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Como ele mesmo escreveu (em *A Sé Velha de Coimbra...*), “o método e as ferramentas do historiador são as mesmas nas margens do Mondego, nas do Ródano, do Tibre ou do Vístula”: a história vive de comparações e de paralelos.

Nos estudos que desenvolveu nos anos em que permaneceu em Portugal (tal como sucedera na Polónia), P. David tira partido da sua vasta formação (histórica, arqueológica, linguística, litúrgica...), conjugando-a em estudos pioneiros, que renovaram a historiografia portuguesa, sobretudo a que diz respeito ao processo de afirmação da nossa identidade nacional, aos primeiros tempos da monarquia e ao estabelecimento da rede eclesiástica no nordeste peninsular e norte e centro do país. Torcato de Sousa Soares escreve que foram os estudos de P. D. que colocaram Braga no merecido lugar de grande metrópole do ocidente. De frisar a já referida opinião de Lopes de Almeida: que os seus estudos permitem afirmar que os portugueses são herdeiros da “consciência política” e dos valores éticos dos habitantes de Portucale dos finais do século IX.

A ele se deve o incentivo a então jovens historiadores (como Avelino de Jesus da Costa) para profundo trabalho arquivístico, realizado com o auxílio de bolsas de estudo que o Instituto de Alta Cultura providenciava a seu pedido. A integração em várias sociedades científicas portuguesas e as distinções honoríficas falam da projecção pública dos seus estudos. Continua intacta a informação, teses e hipóteses levantadas nas suas obras e continuadas pelos seus amigos ou discípulos (Avelino de Jesus da Costa, Torquato de Sousa Soares...) e pelos discípulos destes. Talvez porque, como ele mesmo escreveu, juntava o sentido crítico à investigação histórica, “pois o melhor crítico será o historiador melhor informado, em abertura e em profundidade” (*A Sé Velha de Coimbra...*).

Não parece ter-se envolvido em polémicas científicas, muito embora haja testemunhos de que o cordial “abade” (como lhe chamavam em Coimbra) não poupava palavras duras quando estava em causa (entre outros poucos temas) a honorabilidade da investigação histórica. Terá sido o caso em redor da contestação de António Nogueira Gonçalves ao seu estudo sobre a sé velha de Coimbra, ou a posição que assumiu perante algumas teses de Rodrigues Lapa nas *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*, então reeditadas.

Mais se adivinha do que se prova o recorte político de P. D, mas foi, sem dúvida, muito mais do que um eclesiástico erudito alheado do mundo e da complexidade das opções de vida. Pierre Hourcade define-lhe duas fidelidades: a Igreja e a França. Com base nisto, o pouco que conhecemos situa-se nos anos posteriores a 1939. Apesar do encargo recebido pelo governo de Vichy atrás mencionado, diz-nos Pierre Hourcade que desde Junho de 1940 era conhecida a posição patriótica e de simpatizante dos Aliados, da qual nunca abdicou. Aliás, o periódico *Le Dauphiné Libéré*, chama-lhe “uma das mais nobres figuras da Resistência”. Como atrás ficou escrito, P. D. era, por isso, forte candidato a ser enviado para um campo de concentração e foi quase como asilado político que ele vem para Portugal. Aqui, e até ao fim da guerra, usou de toda a sua prudência e bom conselho para gerir o precário equilíbrio dos antagonismos, dando bons conselhos a membros da comunidade francesa que lhos pediam, evitando conflitos e honrando a



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

hospitalidade do governo português. Ainda que mantendo a discrição, parece ter-se integrado nas elites coimbrãs afectas ao Estado Novo, integrando a renovação científica daquela instituição nos anos pós guerra. No Arquivo da PIDE/DGS (Torre do Tombo) não existe qualquer boletim de P. D.

Destacamos a sua pertença a diversas associações culturais de que fez parte: Membro da Academia Polaca das Ciências e Belas-Letras (1934); Cavaleiro oficial da Ordem Polónia Restituta (Order Odrodzenie Polski, 1932); Membro da Academia do Delfinado e da Sociedade Humberto II para a História do Delfinado; Cavaleiro e Oficial da “Légion d’honneur” (respectivamente em 1934 e 1951); Oficial da Instrução Pública (França, Janeiro de 1927; Membro Correspondente do Instituto de Coimbra (1946).

Foi eleito Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História a 29 de Julho de 1949, sob proposta do 1º vice-presidente, José Maria de Queiroz Veloso. Foi o primeiro estrangeiro a ser eleito e único, durante muitos anos.

Bibliografia activa: *La Sé Velha de Coimbra et les dates de sa construction (1140-1180)*, Lisboa, Instituto Francês, 1942 (trad. Porto, Portucalense Ed., 1943); *Français du Midi dans les évêques portugais: 1279-1390*, Coimbra, Coimbra Editora, 1944; *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au pape Calixte III*, Coimbra, Coimbra Editora, 1946; “Regula Sancti Augustini. A propôs d’une fausse charte de fondation du Chapitre de Coimbra”, *Revista Portuguesa de História*, nº 3, 1947, pp. 27-39; *Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbricensis (Livro de Kalendas)*, Barcelos, Comp. Editora do Minho, 1947; *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIIe siècles*, Lisboa - Paris, Portugalia Editora - Les Belles-Lettres, 1947; *L’Auto de la Cannanéenne de Gil Vicente et sa place dans l’année liturgique*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949; *La métropole ecclésiastique de Galice du VIe au XIe siècles. Braga, post-visigoda*, Coimbra, Tip. Atlântida, 1951; *Un traité priscillianiste de comput pascal*, Coimbra, Of. da Gráf. de Coimbra, 1951; *La première campagne d’Ábou Yousof al Mansour contre Silves: 1190*, Coimbra, Coimbra Editora, 1953; *Quinti Septimi Florentis Tertulliani Opera*, Coimbra, [s.n.], 1955.

Bibliografia passiva: *Bulletin des Études Portugaises*, T. 19 (1955-1956), Lisboa, Bertrand, 1957, pp. 293-326 [Hommage à Pierre David, com colaborações de Avelino de Jesus da Costa, Torquato de Sousa Soares, Pierre Hourcade; lista de artigos e estudos sobre P. D., nomeadamente na imprensa, da responsabilidade da Direcção do *Bulletin*]; COSTA, Pe. Avelino de Jesus da Costa, “David, Joseph-Pierre Louis”, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. I, [s.l.], Iniciativas Editoriais, 1963, pp. 781-783; COSTA, Pe. Avelino de Jesus da Costa, “In Memoriam Prof. Pierre David”, *Revista Portuguesa de Filologia*, t. VII, Coimbra, 1957, pp. 595-599; COSTA, Pe. Avelino de Jesus da Costa, “L’Abbé Pierre David (Esquise biographique et bibliographique)”, *Bulletin des Études Portugaises*, T. 19 (1955-1956), Lisboa, Bertrand, 1957, pp. 293-312; COSTA, Pe. Avelino de Jesus da Costa, *Prof. Cónego Pierre David*, Sep. de «Estudos», ano XXXIV, fasc. II, Coimbra, 1956; COSTA, Pe. Avelino de Jesus da Costa, *Prof. Cónego Pierre David*.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Trabalhos inéditos e bibliografia, Sep. «Revista Portuguesa da História», Tomo VI, Vol I, Coimbra, 1955; *Doutoramentos Solenes de Pierre David, Joseph Maria Piel, Émile Planchard e António Augusto Gonçalves Rodrigues*, Coimbra, Sep. «Biblos», vol. 27, 1951; SOARES, Torquato de Sousa, *Prof. Doutor Pierre David*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, 1964.

Margarida Garcez Ventura



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Secretariado de Ciência, Tecnologia e Inovação

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA